



REVISTA SENTIDOS DA CULTURA

JULGAMENTO DE HAMLET¹

Lindanor Celina

Um dos pontos altos do vasto programa deste I Festival Nacional de Teatro do Estudante, foi sem dúvida, o “Julgamento de Hamlet”, domingo último, no Teatro Santa Isabel.

Não sou criatura de usufruir nenhum prazer sozinha. Todas as alegrias de que desfruto, eu as quisera repartir com os demais. E a pena que tive foi de não poder ser proporcionada ao nosso público de Belém, notadamente aos intelectuais, advogados e juristas, aos que militam na Justiça, a oportunidade de assistirem a um tal espetáculo. Porque o “Julgamento de Hamlet” foi uma das coisas mais interessantes que tenho visto nestes últimos tempos. São ainda novidade no Brasil tais julgamentos. Na Europa já se vão fazendo mais frequentes essas encenações teatrais em que são julgados os personagens célebres da literatura universal. E este de Hamlet (Sérgio Cardoso), presidido por Evandro Netto, tendo como acusador o advogado Carlos Araújo Lima e como defensor o grande criminalista nacional, Evandro Lins e Silva, foi um raro acontecimento. Só os membros do júri constituíam algo de notável – João Condé, Eneida, Elsie Lessa, Pascoal Carlos Magno, além de altas personalidades jurídicas e literárias do Recife.

Nunca assisti julgar alguém, sempre fugi de juris, mesmo os mais famosos e sensacionais. E vim dar com este, o primeiro a que assisto, e, que não passou,

¹ CELINA, Lindanor. *Julgamento de Hamlet*. Jornal Folha do Norte, Coluna Minarete, terça-feira, 29/07/1958.

Acervo da pesquisa “Vanguardismos e Modernidades: cenas teatrais em Belém do Pará (1941-1968)”, do Prof. Dr. José Denis Oliveira Bezerra.

felizmente, de um julgamento quimérico, e do qual foi réu o imortal personagem de Shakespeare, Hamlet, príncipe da Dinamarca.

O Teatro Santa Isabel, o mais antigo e dos mais belos do Brasil, o mesmo onde ecoaram as palavras de Castro Alves, viveu domingo último um de seus dias memoráveis. O público seletos e entusiasta lotara completamente, todas as dependências daquela casa. Quase não havia lugar nem para se ficar de pé, quando descerrou-se o pano e apareceu no palco a sala do Tribunal de Juri, onde juristas ilustres, criminalistas de renome em todo o Brasil iriam, como atores do fictício julgamento, decidir da sorte de Hamlet, herdeiro do trono da Dinamarca. Ele, Hamlet, dramático e mudo em suas negras roupagens de príncipe de lenda, atraia os olhares da multidão. Um só gesto seu, um volver de ombros, um levantar de olhos, as próprias mãos pálidas e imóveis, transpiravam tragédia. Perguntado se tinha advogado, ele não falou, moveu apenas num gesto negativo a nobre cabeça. Mandaram-lhe, então, que alegasse algo em sua defesa, depois de lhe nomearem um defensor (Evandro Lins e Silva). Hamlet declarou nesse momento, e continuou a fazê-lo a intervalos, vários daqueles geniais monólogos, terminando pelas palavras eternas do “Ser ou não ser”.

Foi um julgamento singular, em que o Ministério Público, a acusação nada mais fez do que, analisando o crime de Hamlet, desculpá-lo, baseando-se nos nobres motivos que o determinaram, bem como nos moldes, no conceito de justiça da era medieval, terminando por pedir, num encantador paradoxo, a absolvição do réu. O defensor estava, pois, praticamente sem mais nada a dizer, não tendo contra quem lutar para conseguir uma absolvição já concedida. Mas mesmo assim, e ainda não sendo, como ele o disse um orador, um eloquente, mas apenas um expositor, saiu-se muito bem depois de haver também ele, analisado o seu modo o caráter o caráter e o crime do personagem de Shakespeare.

Evandro Lins e Silva, criminalista famoso em todo o país, considerou sua vinda ao Recife, sua terra, e da qual estava ausente há mais de trinta anos, um milagre. Um milagre de Pascoal Carlos Magno, que logrou, à força de persuasão, trazê-lo à terra natal, e para que? – para um julgamento quimérico, um júri de mentira, um tribunal de lenda.

Hamlet foi absolvido, não apenas pelo Ministério Público ou pelo júri, mas entusiástica e fervorosamente por toda a numerosa assistência. O povo delirava aplaudindo Sérgio Cardoso, que nos dera um magnífico, um inesquecível Hamlet.

Foi na verdade uma grande noite, aquela do domingo, nesta cidade do Recife.

Recife, 22-7-58.